

# ERICH KÄSTNER

★ 23. Februar 1899 in Dresden | † 29. Juli 1974 in München

★ 23 de fevereiro de 1899 em Dresden | † 29 de julho de 1974 em Munique

**Der deutsche Schriftsteller, Drehbuchautor, Publizist, der auch Texte für das Kabarett schrieb, gehört zu den bedeutendsten Kinderbuchautoren Deutschlands. Kästner wollte eigentlich Lehrer werden, entschied sich nach eine Reihe negativer Erfahrungen im Bildungssystem jedoch dagegen und begann zu schreiben. Besonderen Ruhm brachten ihm seine Kinderbücher wie *Emil und die Detektive* (1929), *Pünktchen und Anton* (1931) und *Das fliegende Klassenzimmer* (1933) ein, welche heute als Klassiker der deutschen Kinderliteratur gelten und mehrmals verfilmt wurden (auch als ausländische Produktionen).**

***O escritor, roteirista e publicista alemão, que também escrevia textos para cabaré, é um dos autores da Literatura Infantil mais importantes da Alemanha. A verdade é que Kästner queria ser professor, mas após uma série de experiências negativas no sistema educacional, desistiu e começou a escrever. Suas produções literárias infantis de maior êxito são Emil und die Detektive (Emil e os detetives, PAVIO, 2009), Pünktchen und Anton (Pontinho e Antônio, tradução livre) e Das fliegende Klassenzimmer (A sala de aula voadora, tradução livre), que hoje em dia são considerados clássicos da Literatura Infantil e que já ganharam muitas adaptações para o cinema.***



Foto: Süddeutsche Zeitung

Erich Kästner wuchs in kleinbürgerlichen Verhältnissen in Dresden auf. Geprägt war jene Zeit besonders von Existenzproblemen seines Vaters. Der permanente Aufstiegszweck der Mutter, zu welcher er bis zum Ende ein sehr enges Verhältnis pflegte, verschonte die Familie jedoch vor dem existentiellen Abstieg. Mit dem hart erarbeiteten Stundenlohn als Schneiderin und später als Friseurin, konnte sie ihrem Sohn auch jenseits der Schule Bildung ermöglichen: Lektüre, Klavierunterricht, Theater- und Opernbesuche, jährliche Wanderungen und Radtouren. Auch Schulgelder, ein von ihm besuchtes Lehrerseminar für Volksschullehreramt 1913, welches er später besuchte sowie ein Teil der Studiengebühren bezahlte Mutter Ida Amalia. Den größeren Teil der Kosten für das Germanistik-, Geschichte-, Philosophie- und Theaterwissenschaftsstudium konnte jedoch durch das „Goldene Stipendium“ der Stadt Dresden finanziert werden. Im Anbetracht des sozialen Standes der Familie waren Bildung und Kultur keineswegs selbstverständlich und konnten nur unter Opfern erreicht werden.

Der erste Weltkrieg war ein Ereignis, welches Kästners Werdegang brandmarkte. In seinem autobiographischen Buch schrieb er „Der Weltkrieg hat begonnen, und meine Kindheit war zu Ende.“ Er war sich der Wichtigkeit der Kindheit und der Zerstörungskraft des Krieges immer sehr bewusst, stilisierte die eigene Kindheit oft zu einem „Goldenen Zeitalter“. Seine Mutter Ida Amalia vermietete die Zimmer ihrer Wohnung besonders oft an Pädagogen. Dies trug unter anderen zu Kästners erstem Berufswunsch, den des Lehrers bei. In der Schule ist dieser Wunsch trotz prägeln Volksschullehrers nicht vergangen. Seine üblen Erfahrungen während der Rekrutenausbildung für den WK I, 1917 hatten ihn bereits zu einem entschlossenen Gegner aller autoritären Systeme und zu einem überzeugten und engagierten Pazifisten gemacht. Nach dem von ihm besuchten Lehrerseminar in Dresden, ein Internat mit militärischen Lebens- und Umgangsformen, bemerkte er, dass die „Untertaneneinübung“ seinen Vorstellungen von Pädagogik massiv widersprachen. In einer seiner Publikationen schrieb er: „Nichts aber wirkt zerstörender für jede Kultur als diese Polizeiwirtschaft in den Bezirken [...] der Erziehung.“ So brach Kästner kurz vor dem Ende seine Lehrerausbildung ab und gab diesen Berufswunsch endgültig auf. Als Kinderbuchautor konnte er jedoch seinem Wunsch pädagogisch zu arbeiten und so Einfluss auf die Gesellschaft zu nehmen nachgehen, was er als wichtige Komponente seines politischen Handelns verstand.

Mit dem Beginn der Nazizeit, wurde es jedoch immer schwieriger sich antimilitaristisch oder staatskritisch zu äußern. Während seines langen Aufenthalts in Berlin musste er mitansehen, wie seine Bücher verbrannt wurden. Dies bedeutete, dass er beginnen musste auf den pädagogischen Anspruch in seiner Arbeit zu verzichten und eine nur unterhaltsame Kinderliteratur produzieren musste, die den Nazis nicht anstößig war. Selbst die Dreharbeiten für die Verfilmung seines Buches *Das doppelte Lötchen* (1949) musste er 1942, aufgrund des ihm verordneten Schreibverbotes, niederlegen. Er flüchtete während des Krieges zeitweise ins Exil in die Schweiz, wo er nicht lange blieb und kurze Zeit später wieder in seine Heimat zurückkehrte da er sich nach wie vor am meisten mit der deutschen Kultur identifizierte. „Ich bin wie ein Baum, der – in Deutschland gewachsen – wenn’s sein muß, in Deutschland verdorrt“. Seine Mutter wird aber bis heute als eigentlicher Rückkehrgrund gemutmaßt.

Nach Kriegsende setzte er sich in München ab und engagierte sich dort für den Wiederbeginn des literarischen Lebens und lieferte als Journalist und Kabarettist kritische Kommentare zur politischen und gesellschaftlichen Entwicklung während der Phase des „Wiederaufbaus“, der Gründung und Konsolidierung der Bundesrepublik. Einen richtigen Anschluss an die Nachkriegsliteratur konnte er jedoch nicht finden, womit seine kurzzeitigen Alkoholprobleme zusammenhängen könnten, und weshalb er weniger produzierte.

Abgesehen von Kinderbüchern schrieb er auch Romane und satirisch-kritische Gedichte für Erwachsene. Sein Zielpublikum blieben jedoch bis zum Ende eher die Kinder und Jugendlichen. Er war Herausgeber der Jugendzeitschrift *Pinguin*, schrieb Drehbücher und sprach in vielen Verfilmungen seiner Werke auch selbst den Erzähler (Rezitator). Kästner blieb zwar unverheiratet, hatte aber langjährige Beziehungen und einen Sohn (Thomas) welchem er seinen Roman „der kleine Mann“ widmete.

Erich Kästner cresceu como um pequeno-burguês em Dresden. Essa fase de sua vida foi marcada pelos problemas existenciais de seu pai, mas o desejo permanente de ascensão social de sua mãe, com quem ele tinha um relacionamento muito próximo e harmonioso; salvou a família do declínio social. Com o salário suado que ganhava como costureira e, mais tarde, como cabeleireira pôde proporcionar a seu filho uma formação que ia além da escola: leituras, aulas de piano, visitas em óperas e teatros, trilhas e passeios de bicicleta anuais. Os custos escolares, um seminário de formação de professores do ensino médio cursado em 1913, assim como uma parte dos gastos com a universidade foram custeados pela mãe Ida Amalia. A maior parte dos custos com os cursos de Língua e Literatura Alemã, Filosofia e Teatro pôde ser financiada pela “bolsa de estudos dourada” (*Goldenes Stipendium*) da cidade de Dresden. Tendo em conta a condição social da família, educação e cultura não eram de forma alguma natural e só foram conquistadas com muito sacrifício.

A Primeira Guerra Mundial foi um acontecimento marcante na trajetória de Erich Kästner. No seu livro autobiográfico escreveu: “A Primeira Guerra Mundial começou, e minha infância acabou.” Ele sempre foi consciente quanto a importância da infância e o poder de destruição da guerra e muitas vezes descreveu sua própria infância como “era dourada”. Ao longo da vida de Kästner, sua mãe Ida Amalia costumava alugar quartos do seu apartamento, geralmente para pedagogos. Isso contribuiu bastante com o desejo de Kästner de se tornar professor. Na escola, apesar da violência dos professores, este desejo permaneceu. Em 1917, suas experiências cruéis durante a formação militar para a Primeira Guerra Mundial fizeram dele um opositor decidido a todos os sistemas autoritários e um convencido e engajado pacifista. Após o seminário de formação de professores que cursou em Dresden – um internato com formas de vida e de comportamento similares às do exército – ele percebeu que a “instrução para subordinados” contradizia completamente com suas ideias sobre a pedagogia. Em uma de suas publicações, escreveu que não havia nada mais destrutivo para a cultura do que esta ditadura policial em áreas [...] da educação. Como consequência largou o seminário pouco antes de concluí-lo e, assim também, seu desejo pela profissão. Mas como autor de literatura infantil pôde seguir seu desejo de trabalhar como pedagogo e assim influenciar de forma ativa o desenvolvimento da sociedade, que considerou componentes essenciais da sua intervenção política.

Com o Nazismo, ficou cada vez mais difícil se posicionar criticamente contra o governo ou se assumir antimilitarista. Durante sua longa estada em Berlim, teve que presenciar seus livros serem queimados. Com isso foi obrigado a renunciar a qualidade pedagógica no seu trabalho e teve que produzir exclusivamente literatura infantil de entretenimento, que não fosse ofensiva aos nazistas. Em 1942, por ter sido proibido de escrever, teve que renunciar até mesmo os roteiros para a adaptação para o cinema do seu livro *Das doppelte Lötchen* (Cachos e tranças, PAVIO, 2009). Só após a guerra, ele pôde retomar este trabalho. Durante a guerra, exilou-se na Suíça, onde não permaneceu por muito tempo, retornando pouco tempo depois à sua terra natal; porque acreditava que a cultura alemã era a única com a qual se identificava de verdade. “Sou como uma árvore que cresceu na Alemanha. Se necessário for, morrerei na Alemanha.” Suspeita-se que sua mãe tenha sido o motivo real do seu retorno à Alemanha. Quando a guerra acabou, mudou-se para Munique e lá se engajou no recomeço da vida literária. Como jornalista e cabarettista, produziu comentários críticos sobre acontecimentos políticos e sociais durante a fase da “reconstrução”, formação e consolidação da República Federal. Ele nunca pôde encontrar uma verdadeira relação com a literatura do pós-guerra, o que provavelmente era uma razão de seus problemas com o álcool, que o levaram a produzir cada vez menos.

Além de livros infantis escreveu romances e poemas crítico-satíricos para adultos. No entanto, seu público-alvo sempre foi mais as crianças e os jovens. Foi editor da revista juvenil *Pinguin*, escreveu roteiros e foi narrador em diversas adaptações de suas obras para o cinema. Embora Kästner nunca tenha se casado, teve longos relacionamentos e um filho chamado Thomas, a quem dedicou sua obra *Der kleine Mann* (O homenzinho, tradução livre, 1963).

“ Der Mensch ist gut. Und darum geht's ihm schlecht. Denn wenn's ihm besser ginge, wär er böse.

Die Politik – und zwar deren konservative Richtung – hat begonnen, sich in unerträglichem Maß zum Vormund des Geistes zu machen. Nichts aber wirkt zerstörender für jede Kultur als diese Polizeiwirtschaft in den Bezirken des Denkens, der Kunst und der Erziehung.

Leben ist immer lebensgefährlich.

Es gibt nichts Gutes, außer man tut es.

O homem é bom. E por isso ele vai mal. Pois se ele estivesse melhor, ele seria mau.

A política – mais a sua direção conservadora – começou de uma maneira insuportável a ter a tutela do espírito. Porém nada parece mais destrutivo para as culturas que essa economia policial em áreas do pensamento, da arte e da educação.

Vida sempre é risco de vida.

Não há nada de bom, a menos que alguém faça algo de bom.

